

# BISPO JUBILAR COM SUAS VICISSITUDES ECLESIAIS

---

*Boaventura Kloppenburg\**

## **Resumo**

Comemorando seu jubileu de prata episcopal, o autor, Bispo e renomado teólogo durante décadas, no cenário brasileiro e internacional, apresenta relatos autobiográficos de grande interesse ao público atento, seja às questões teológicas, seja aos problemas e circunstâncias eclesiais.

PALAVRAS-CHAVE: Nova teologia. CELAM. Espiritismo. Bispo.

## **Abstract**

*Celebrating his silver jubilee as bishop, the author known as theologian in Brazil and all over the world presents very interesting accounts of his life regarding to theological as well ecclesiastical problems and circumstances.*

KEY WORDS: *New theology. CELAM. Spiritism. Bishop.*

Comemorando meus 25 anos de Bispo, aproveito a oportunidade que me é oferecida pelo Prof. Pe. Manoel Santos, da PUCRS, ao me convidar para escrever um artigo para a revista *Teocomunicação* da PUCRS. Direi algo sobre as vicissitudes nos meus 88 anos por Cristo em sua Igreja. Claro que não será uma biografia. Serão apenas ocorrências que podem ser interessantes e úteis.

---

\* Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M. Bispo emérito de Novo Hamburgo, RS.

<i>Teocomunicação</i>	Porto Alegre	v. 37	n. 158	p. 508-524	dez. 2007
-----------------------	--------------	-------	--------	------------	-----------

## 1 Sem a Editora Vozes não seria franciscano

Pretendo ser filho de São Francisco de Assis. E creio que posso afirmar que, sem a Editora Vozes, provavelmente não seria franciscano. Explico: em 1940, eu era seminarista da diocese de Pelotas, estudante de filosofia, no Seminário Central de São Leopoldo, RS, competentemente dirigido pelos padres jesuítas. Já antes tinha feito o Seminário menor em São Leopoldo. Na época, minha família morava no município de Bagé, que então não era diocese e fazia parte da circunscrição de Pelotas. Em Bagé, tenho dois sobrinhos sacerdotes diocesanos. Nunca tinha visto um franciscano. Mas, durante o estudo da filosofia em São Leopoldo, de tal maneira me interessei pelas publicações da Editora Vozes, que me tornei seu representante comercial. Em 1941, em plena segunda guerra mundial provocada por um doido austríaco chamado Adolf Hitler, a Editora Vozes lançou a *Revista Eclesiástica Brasileira*, como publicação trimestral, com apresentação imponente, arrojada, em grande formato, ao nível das grandes revistas congêneres, com claras feições de uma revista séria e até internacional, dos padres e para eles. Cada número (“fascículo” diziam então), tinha cerca de 280 páginas. Não só guardo, como ainda consulto aqueles volumes. Por causa da guerra, as comunicações com o exterior eram praticamente impossíveis. Mas já então arranjei várias assinaturas dessa nova revista para padres e seminaristas.

Terminados os estudos da filosofia, resolvi ser franciscano e estudei teologia precisamente em Petrópolis, onde estava a Editora Vozes. Meu primeiro artigo na REB de 1946, pp. 246-269, foi sobre Santo Antônio, então proclamado Doutor da Igreja. Verificando meu interesse pela teologia dogmática, os superiores me mandaram, em 1947, para Roma e me especializasse em teologia dogmática. Desde Roma, publiquei na REB vários artigos sobre a questão do nexa entre pecado e morte (*immaculata ergo assumpta*). Era na época um tema atual, já que o Papa Pio XII anunciara, em 1947, seu propósito de definir como dogma a Assunção da Mãe do divino Redentor. Acabei escrevendo e publicando, em latim, minha tese doutoral *De Relatione inter Peccatum et Mortem*, com 216 páginas.

Quando, em 1950, voltei para Petrópolis, me mandaram ensinar teologia como substituto do Frei Constantino Koser, O.F.M., que foi fazer sua tese doutoral em Friburgo, na Alemanha. Em Petrópolis,

encontrei logo as boas graças de Frei Tomás Borgmeier, O.F.M., exímio entomólogo, diretor da Editora Vozes e fundador da REB. Estava ele procurando um sucessor. De fato, desde 1951 comecei a trabalhar na direção da REB.

Estava em casa!

Em artigo editorial, fiz questão de declarar formal e publicamente: “É nossa intenção, obedecendo a um desejo expresso do Santo Padre, continuar naquela orientação segura e positiva que até hoje tem distinguido, inspirado e guiado estas páginas. Não faremos nenhuma modificação substancial. O lema ao qual a REB obedeceu, desde seu aparecimento, continuará o mesmo: revista do clero, feita pelo clero, para o clero”.

Assim entrei no grupo do pessoal franciscano que trabalhava na Editora. Na verdade, eram poucos e pobres. Mas lá estava Frei Frederico Vier, O.F.M., que, embora não fosse o diretor, atuava mais ou menos nessa condição. Posso dizer que até sua morte foi ele meu melhor colaborador. Nosso trabalho em comum era da mais pura e desinteressada amizade. Cada um no seu ramo (ele, com estudos na Holanda, era mais filólogo, com especialidade no grego, latim e português), um competia com o outro e o ajudava. A pontualidade com que se publicava a REB era impressionante. De três em três meses, quando se editava mais um número, todos os outros trabalhos eram suspensos. A REB sempre tinha preferência. E nos meus vinte anos saiu sempre com absoluta regularidade. A REB não tinha secretário. Ajudavam-me um ou dois dos estudantes de teologia, que eu escolhia entre os melhores confrades da comunidade do convento franciscano. Havia cerca de setenta. Nem todos eram iguais. Mas todos trabalhavam. E, claro, ajudavam de graça, como eu também nada recebia nem queria. Para nós frades não havia carteira de trabalho, que veio bem depois.

Com o Concílio Vaticano II, para o qual logo no começo fui nomeado perito em teologia, a REB entrou de cheio e com entusiasmo naquele importante encontro episcopal. Mas posso dizer que, em todos aqueles anos difíceis do Concílio, não tive nenhum problema nem com o episcopado, nem com a nunciatura, nem com a Santa Sé. Pelo contrário: recebi grande número de louvores e reconhecimento. Basta ver, por exemplo, o crescimento das assinaturas, que é o mais evidente sinal de aprovação. Duplicamos ou até triplicamos os assi-

nantes. Nem conheço os números. Devem estar no arquivo da Editora. Mas eram cerca de cinco mil.

Era uma beleza.

## 2 A nova teologia

Tão rica e desinteressada colaboração durou até fins de 1971. Terminara o Concílio e, sub-repticiamente, como veremos, a santa Igreja foi invadida por uma nova teologia, que sempre, com mais evidência, já não me parecia suficientemente católica, não só no método, mas no conteúdo. Conhecia a teologia antes e durante o Concílio. Mas a que vinha surgindo lá por 1968 me parecia estranha.

Tive que resolver então renunciar à direção da REB, para entregá-la a mãos mais jovens. A própria direção da Editora mudara. Frei Ludovico Gomes de Castro, O.F.M., homem severo, formado em teologia na Alemanha, provincial da Província, construtor do seminário de Agudos (SP), bom administrador, era o novo diretor da Editora Vozes. Arranjara outros colaboradores, com novos projetos e planos. Eu não cabia mais naquele esquema. Frei Leonardo Boff, O.F.M., que como estudante de teologia fora escolhido por mim para ser meu ajudante, me ajudava na redação. Parecia um bom confrade. Desde 1970, quando retornou como doutor de seus estudos na Alemanha, trabalhava ao meu lado e sob minha direção na direção da revista. Depois de sua volta da Alemanha aderira à teologia da libertação, que com outro nome (“teologia política”), já estava causando muita discussão, principalmente nas Universidades de Münster e Tübingen, na Alemanha. Basta ler as informações sobre aqueles anos dadas pelo Professor Joseph Ratzinger, agora nosso Papa Bento XVI, em sua autobiografia parcial *Aus meinem Leben*, que na tradução brasileira das Paulinas recebeu o título *Lembranças da minha vida*. Impressiona o que se pode ler nas páginas 111-119 da versão brasileira sobre a nova teologia. Também ele não entendia. E abandonou Tübingen, na sua querida Baviera.

Como consta literalmente do meu diário de 30 de novembro de 1971, “eu não combino com o modo de pensar dele [de Frei Leonardo, declarado adepto da teologia da libertação]. Para mim seria praticamente impossível continuar a trabalhar com ele, sem que nos desen-

tendamos em coisas fundamentais. E assim, para não brigar, é melhor que eu me vá. Creio sinceramente que ele está errado em sua orientação teológica. Mas é dominante. Quero vê-lo daqui a vinte anos. Eu disse ao Frei Ludovico que, se, em mais alguns anos, a REB andar para trás em matéria de assinantes (pois desconfio que com a nova orientação vai perder leitores), e se então necessitarem outra vez de uma mão firme e ortodoxa, estarei disposto a ajudar ou a retomar a direção. Mas faço votos de que isso não aconteça. Nos meus vinte anos de REB, não tive nenhum problema grave com autoridades eclesiásticas, apesar dos tempos difíceis e delicados pelos quais passamos”.

No dia seguinte, 1º de dezembro de 1971, em carta ao Padre Provincial Frei Valter Kempf, O.F.M., que tinha sido meu colega de curso e naquele dia casualmente estava em Petrópolis, expliquei: “Não consigo mais acompanhar os avanços da Teologia no nosso ambiente petropolitano e não quero lançar a Revista numa direção reacionária”. Observe-se que então (estávamos em 1971) nem se mencionava a teologia da libertação, palavra que ainda não era corrente. Já no Discurso de abertura da Conferência de Medellín, dia 24 de agosto de 1968, nos havia dito o Papa Paulo VI na catedral de Bogotá:

Sabemos como a fé é insidiada pelas correntes mais subversivas do pensamento moderno. A desconfiança que, inclusive nos ambientes católicos, se difundia acerca da validade dos princípios fundamentais da razão, ou seja, de nossa *philosophia perennis*, nos deixou desarmados diante dos assaltos, não poucas vezes radicais e capciosos de pensadores da moda; o vacuum produzido em nossas escolas filosóficas pelo abandono da confiança nos grandes mestres do pensamento cristão é invadido freqüentemente por uma superficial e quase servil aceitação da filosofia da moda, muitas vezes tão simplistas quanto confusas; e estas sacudiram nossa maneira normal, humana e sábia de pensar a verdade; estamos expostos a tentações de historicismo, de relativismo, subjetivismo e neopositivismo, que no campo da fé criam um espírito de crítica subversiva e uma falsa convicção de que, para atrair e evangelizar os homens de nossos dias, temos que renunciar ao patrimônio doutrinal, acumulado durante séculos pelo Magistério da Igreja, e de que podemos moldar, não em virtude de maior claridade de expressão, mas de mudança de conteúdo

dogmático, um cristianismo novo, à medida do homem e não à medida da autêntica palavra de Deus. Infelizmente também entre nós alguns teólogos nem sempre vão pelo caminho certo.

Assim falava o Papa Paulo VI em 1968. Depois continuou:

Hoje alguns recorrem a expressões doutrinárias ambíguas, arrogam-se a liberdade de enunciar opiniões próprias, atribuindo-lhes aquela autoridade que eles mesmos, mais ou menos abertamente, discutem a quem por direito divino possui carisma tão formidável e tão atentamente guardado; inclusive consentem que cada um na Igreja pense e creia aquilo que quiser, indo cair dessa maneira no livre exame, que rompeu a unidade da própria Igreja, e confundindo a legítima liberdade de pensamento que freqüentemente se equivoca por insuficiente conhecimento das verdades religiosas.

O Papa disse isso em Bogotá aos Bispos que, no dia seguinte, iriam iniciar em Medellín a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Eu estava presente como perito, já que tinha sido experto no Concílio Vaticano II. Note-se bem: as citadas palavras do Papa foram pronunciadas para *inaugurar* o encontro episcopal de Medellín e, portanto, descreviam a situação teológica de *antes de 1968*. As grandes linhas da posterior teologia da libertação não nasceram dos documentos de Medellín e sim do anterior ambiente teológico não latino-americano descrito no discurso do Papa Paulo VI. O que nasceu e se desenvolveu na América Latina foi apenas a expressão “teologia da libertação”. Pensavam que a libertação da pobreza e miséria surgiria do socialismo “científico” de Karl Marx. Veja-se o desenvolvimento dessa nova espécie de fazer teologia no meu livro “Igreja Popular”, escrito primeiro em espanhol e traduzido depois para outras línguas. E o próprio Papa João Paulo II o leu e me pediu que o traduzisse para o português e sugeriu ao Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Eugênio Sales, que a arquidiocese do Rio de Janeiro financiasse sua publicação. Mas isso não foi necessário, porque, em alguns meses, saíram três edições. As principais livrarias católicas do Brasil não permitiram sua venda. Meu livro recomendado pelo Papa se tornou obra proibida na maior parte do Brasil católico!

Era uma vicissitude inesperada. Eu estava ficando mais e mais sozinho.

### 3 O Instituto Pastoral do CELAM

E era esta também a mentalidade em boa parte no teólogo de Petrópolis, sobretudo entre os estudantes (não os professores). Diziam e faziam o que queriam ou haviam lido nalguma revista. Por exemplo: num dia entrei numa sala de aulas, e lá encontrei um grupo de estudantes, sentados em torno de uma mesa, celebrando a seu modo a Eucaristia, evidentemente sem paramentos.

Como professor de teologia dogmática eu me sentia cada dia mais superado. Assim sendo, pensava que seria melhor deixar as preleções sobre teologia (como professor eu não podia expor a doutrina, mas apenas me cabia indicar o tema e os próprios estudantes, sem a presença do lente, discutiam o assunto) e a REB em mãos mais novas. Propus que Frei Leonardo Boff assumisse minhas aulas e a direção da revista.

O Padre Provincial, aceitando meu pedido, na carta de 4 de dezembro de 1971, respondeu: “Não quero, todavia, esconder meu pesar porque, com toda a franqueza, você vai deixando um trabalho sempre bem-feito, que nunca desmereceu a confiança irrestrita da Província, que não sabe como agradecer-lhe o serviço prestado com tanta dedicação, esmero, senso de responsabilidade, espírito de sacrifício. Em nome de todos, cúpula e base da Província da Imaculada, quero expressar meu grande e sincero ‘muito obrigado’, Frei Boaventura”.

E foi assim, quase fugindo, que abandonei minha querida Editora Vozes de Petrópolis e minhas preleções de teologia no convento franciscano. Meus livros começaram a ser retirados do catálogo. Não só não quiseram mais publicar outro livro meu, mas a própria REB ficou até proibida de mencionar meu nome na lista de artigos publicados em outras revistas. Fui rigorosamente censurado pela direção da própria Editora e simplesmente silenciado por meu sucessor. E não era apenas um silêncio obsequioso de um ano. Minha exclusão fora total e brutal.

Parecia que seria para o resto da vida.

Sugerido por Frei Jerônimo Hamer, O.P., então secretário do Dicastério romano para a união dos cristãos (depois foi nomeado Cardeal), que me conhecera num encontro em Bogotá sobre os movimentos religiosos não-católicos na América Latina, fui convidado pelo Cardeal Willebrands, presidente desse Secretariado, para traba-

lhar lá e dirigir o setor do diálogo entre a Igreja católica e os luteranos. Eu ia substituir outro padre, um suíço, que acabara de publicar uma obra sobre Pio IX, o Papa do Concílio Vaticano I, de 1870, que definiu o primado do romano pontífice e sua infalibilidade em determinadas condições, alegando que o Papa era epilético e que por isso o Concílio de 1870 não tinha valor. Mas o padre morreu pouco depois e eu seria seu substituto. Pio IX foi depois beatificado pelo Papa João Paulo II.

Mas minha nova situação durou pouco, pois em 1973 houve uma assembléia geral do CELAM em Sucre, Bolívia. O grande tema em Sucre era a teologia da libertação, que mais e mais se difundia nos quatro Institutos fundados na América Latina, depois do Concílio, para introduzir os padres nos documentos do Vaticano II. Em Sucre, os Bispos do CELAM resolveram fechar todos estes Institutos e criar um novo, com a duração de um ano letivo, em Medellín, na Colômbia, com atenção especial às exageradas teorias da teologia da libertação. Como nos anos anteriores eu havia feito, em todos os Institutos, conferências sobre o Concílio Vaticano II, e tendo publicado cinco volumes e mais alguns artigos sobre o Concílio, pensaram os Bispos reunidos em Sucre no meu nome para organizar e dirigir o novo Instituto Pastoral do CELAM, indicando ao mesmo tempo as normas orientadoras da nova Instituição. Mas eu estava em Roma. Dom Aloísio Lorscheider ficou então encarregado de falar comigo em Roma. Pedi que conversasse primeiro com o Cardeal Willebrands, que me apreciava e só após longa discussão aceitou a proposta de minha libertação, a fim de organizar e dirigir o novo Instituto de Medellín.

Fui então nomeado para Medellín. O novo curso devia iniciar em março de 1974. E assim foi feito. O começo não foi fácil. Era necessário encontrar e organizar um edifício com as necessárias instalações, fazer a propaganda e convidar professores que previamente deviam ser aprovados pelas Conferências episcopais. De fato, o primeiro curso começou em março de 1974, com cerca de cem padres e algumas freiras. Era condição que os alunos não podiam hospedar-se no próprio Instituto, que, aliás, nem tinha lugar para isso. Assim se evitavam os longos encontros entre eles à noite. Quase todos tinham sido caciques em suas paróquias. Mas o primeiro ano foi bom e bem aceito.

Cada ano vinham cerca de outros cem padres, de toda a América Latina. Muitos deles, talvez uns 25%, acreditavam, faziam e diziam o

que bem entendiam. Para celebração eucarística havia paramentos suficientes. Mas aqueles 25% faziam questão de celebrar sem paramentos. Já eram incorrigíveis. Creio que os bispos e os provinciais os mandaram para lá para se verem livres deles. No começo, essa arbitrariedade me deu muita dor de cabeça. Afinal, o Instituto não tinha a finalidade de corrigir os indisciplinados. Comecei a ser mais tolerante. É impossível endireitar uma árvore torcida. De fato, depois não poucos abandonaram o ministério. E as freiras que vinham com o hábito eram molestadas até que resolvessem abandonar o vestido religioso. E lhes faziam festa na medida em que apareciam sem o hábito. Devo reconhecer que vinham também sacerdotes excelentes e não poucos ficaram depois Bispos e dois até Cardeais. Durante nove anos, fui o reitor deles. Cada ano era diferente. Foi um tempo difícil, de não poucas vicissitudes. Desde então fiquei definitivamente marcado como “conservador”. Minha sorte era que cada ano vinham grupos novos.

Em 1976, a Santa Sé me nomeou observador católico da 5ª Assembleia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, realizada, em novembro daquele ano, em Nairobi, África. Durante minha ausência, bom número de estudantes do Instituto resolveu que eu deveria ser substituído na reitoria pelo chileno padre Segundo Galiléia. Eles enviaram ao CELAM, reunido no Rio de Janeiro, uma carta com esta proposta, assinada por uns vinte estudantes. Sem eu saber, outro grupo de estudantes também escreveu uma carta assinada por cerca de 80 estudantes, solicitando que eu continuasse como reitor. O Presidente do CELAM, Cardeal Lorscheider, leu a carta em favor do padre Segundo Galiléia. Eu então apresentei a outra carta e fui novamente nomeado reitor do Instituto, mas pedi que o padre Segundo Galiléia não continuasse lá. Ele foi afastado e eu fiquei.

São as nossas vicissitudes eclesiais.

Em tempos de férias, fazia conferências ou cursos breves ou retiros em outros países da América Latina. Estive em todas as nações de língua espanhola. Antes, por ocasião da campanha de orientação dos católicos sobre o Espiritismo, andei praticamente por todos os Estados do Brasil. Assim vi e conheci, não só o Reinado de Deus, mas o Reino de Deus com a mistura de muito joio que, para não arrancar também o trigo, deve por ordem do dono, ser mantido e na colheita confiado ao parecer dos anjos que são mais inteligentes, para fazer a separação. O “reino”, com aquela mistura, me parece sempre uma espécie de saco

de gatos. A “basiléia” grega pode de fato ter estes dois sentidos, como também o “regnum” latino. No português e espanhol temos as duas palavras “reino” e “reinado”. No pai-nosso deveríamos pedir “venha a nós o vosso reinado”. A verdade, porém, parece que só no céu teremos o “Reino de Deus” sem joio. Não devemos pensar que a boa semente seria a verdade e o joio o erro; e que, por isso, não devemos separar a verdade do erro. A interpretação de Jesus é outra: a boa semente são os filhos do Reino, o joio os filhos do Maligno (Mt 13, 38). Esse tipo de mistura é inevitável. Mas podemos distinguir a verdade cristã do erro herético. É até uma das funções do Magistério da Igreja.

Em 1975, fundei uma revista de teologia y pastoral para América Latina, chamada *Medellín*, nos moldes da REB, mas fora do Brasil e em espanhol, que sai até hoje, em Bogotá, para onde foi transferido o Instituto. A PUCRS, de Porto Alegre, teve a gentileza de publicar em português meus principais artigos daqueles anos, numa obra intitulada *Libertação Cristã. Seletos Ensaios Teológicos*, de 487 páginas, muitas delas polêmicas, como alguns discursos do divino Mestre Jesus, certas cartas de São Paulo e não poucos livros de Santo Agostinho e de outros Doutores da Igreja.

#### 4 **Orientação dos católicos sobre o espiritismo**

Logo que iniciei minha atividade de professor de teologia em Petrópolis, em 1951, apresentou-se com gravidade o problema dos movimentos religiosos livres no Brasil. Eram as numerosas denominações protestantes, agressiva e hostilmente anticatólicas, e os movimentos do tipo espiritualista, principalmente em sua forma espiritista, geralmente tolerantes com relação à Igreja Católica, permitindo até continuar “católico”. Na mesma época, também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) começou suas atividades, principalmente por iniciativa do Padre Helder Câmara. E os movimentos religiosos livres, então chamados também “seitas”, foram uma de suas primeiras preocupações. Alguma coisa devia ser feita. O Cônego Agnelo Rossi tomou a si a preocupação com os movimentos protestantes e eu fiquei encarregado com o esclarecimento dos católicos sobre os espiritualismos. E a Editora Vozes se abriu generosamente aos dois movimentos. Vale a pena reproduzir aqui a carta que Helder Câmara então me escreveu, publicada na REB de 1953, p. 655. Eis o texto:

Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1953.

Prezado Amigo Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M. A Exma. Nunciatura Apostólica confiou ao Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a honrosa e agradável incumbência de transmitir a V. Revma., em nome da Secretaria de Estado de Sua Santidade e da Sagrada Congregação do S. Ofício, aplausos à sua Campanha contra a heresia espírita, conduzida com segurança doutrinária, espírito de fé e zelo pelas almas. Aproz-me também informar-lhe que na 1ª Reunião Ordinária da CNBB o Exmo. Episcopado adotou, oficialmente, uma Campanha Nacional contra a heresia espírita, em grande parte firmada nas sugestões numerosas dos artigos de V. Revma. publicados na Revista Eclesiástica Brasileira. Permita, ainda, que aproveite o ensejo para convidar V. Revma., em nome do Exmo. D. Vicente Scherer, presidente do Secretário Nacional de Defesa da Fé e Moral, para chefiar a Secção Anti-espírita desse Secretariado. Por todos esses motivos, Deus há de multiplicar Suas melhores bênçãos sobre V. Revma. Disponha sempre, meu caro Frei Boaventura, do amº em J.C. [ass.] † *Helder Câmara*, Secretário-Geral.

Tomei o convite a sério. Com isso entrávamos numa nova fase na atitude pastoral diante do espiritismo, que tanto mal espiritual e psíquico e tanta confusão religiosa e doutrinária vinha e vem produzindo entre os milhões de fiéis a nós confiados. Tínhamos então uma base segura e orientação uniforme. O que precisávamos era agir. Aliás, a mesma condenação do espiritismo que os Bispos então reafirmaram já estava na Pastoral Coletiva de 1915. Mas permanecera letra morta. Agora não seria assim. Procuraria traduzir a letra que aí estava, clara, enérgica, escrita pelas Autoridades Eclesiásticas que souberam cumprir com seu dever em ação imediata, sem demora, sem impossíveis compromissos, sem pecaminosas contemporizações.

O programa proposto pelo Episcopado foi publicado pela REB de 1953 pp. 764-766. O leque de atividades é enorme. Lembro aqui alguns que foram imediatamente executados por mim, com a pronta ajuda da Editora Vozes, principalmente de Frei Frederico Vier:

1. Esquemas de pregações sobre a heresia espírita.
2. Material sobre o espiritismo para os cursos de formação doutrinária previstos para catequistas e participantes do apostolado dos leigos.

3. Refutação das acusações mais gerais que os espíritas moviam contra a Igreja.

4. Esclarecimento sobre o pecado da magia, sobre as superstições e o sentido dos sacramentais.

5. Sugestões concretas sobre o modo de aproveitar o Dia de Finados e as Missas de defuntos, para a instrução sobre a morte e a vida eterna.

6. Folhetos de divulgação, entre o povo, sobre a inutilidade e a proibição divina de evocar os mortos.

7. Artigos, sueltos e noticiários para jornais, católicos ou não.

E muitas outras sugestões desse tipo.

Sem arte (não dispúnhamos de artistas), os folhetos, os cadernos e os estudos foram sendo publicados pela Editora Vozes com extrema simplicidade. Mas eram edições em grande quantidade. Só do folheto (16 páginas) *Por que o católico não pode ser espírita*, tiramos mais de um milhão de exemplares. E alguns cadernos eram bastante grandes. Todos receberam várias edições. Não só o espiritismo, mas o espiritualismo em geral (esoterismo, teosofia, rosacrucianismo, maçonaria e ocultismo) foi objeto de esclarecimentos. Por vezes, com obras bastante extensas, como *O Espiritismo no Brasil* (com 455 páginas), *A Umbanda no Brasil* (com 264 páginas), *O Reencarnacionismo no Brasil* (com 215 páginas), *A Maçonaria no Brasil* (com 368 páginas; a quarta edição, em 1956, teve uma tiragem de 10.000 exemplares). Publicamos uma série de mais de 50 cadernos (entre 40 e 70 páginas) com o título geral de “Vozes em defesa da fé” (folhetos, cadernos, estudos). Trabalhava de dia e de noite e era ao mesmo tempo professor de teologia dogmática (todas as minhas preleções eram previamente elaboradas à mão) e Prefeito de Estudos (não tínhamos reitor, o convento tinha apenas um guardião sem funções sobre os estudos). Em tempos mais livres fazia conferências, de manhã, à tarde e de noite, pelo Brasil inteiro, com experiências de “mesa dançante”, etc. Atraía multidões. Hoje já não seria possível. Era na década de 1950, quando ainda não havia televisão nem muito menos as outras mídias de nossos dias.

Foi sem dúvida uma atividade extraordinária. Mas foi repentinamente interrompida com o Concílio Vaticano II que, como então se pensava, com o método do diálogo iria resolver nossos problemas.

Eu mesmo, então, nomeado pelo Beato Papa João XXIII para ajudar na preparação do Concílio, dediquei a esse máximo acontecimento eclesial do século vinte todas as minhas energias. Oficialmente nomeado perito (experto em questões teológicas), participei na preparação daquele encontro e de sua realização, do princípio ao fim. E a Editora Vozes publicava cada ano um grosso volume (ao todo cinco) meu de crônicas e comentários sobre o Concílio. Era a máxima divulgação que no Brasil se podia fazer.

Terminado o Concílio e o período imediatamente posterior, com mais algumas publicações minhas, em livros e artigos, comecei a sentir-me, desde 1967, superado por uma avassaladora onda teológica crítica, que parecia deixar apenas cacos de teologia em minhas mãos.

Saí então, ou melhor tinha que ser afastado da minha querida Editora Vozes, que ignorou completamente o pluralismo teológico e se colocou agressivamente do lado crítico e negativo, sobretudo quando começou a designar-se “teologia da libertação”, com declarados amores pela solução socialista de cunho marxista dos problemas sociais que o comunismo internacional vinha impondo, com a crítica marxista do sadio capitalismo, com sua específica análise de produção, capaz de colocar todo o mundo no mesmo plano da pobreza. Não podia aceitar como viável esse tipo de solução, que, além do mais, como vimos e agora mesmo lamentamos com a condenação de duas obras cristológicas do jesuíta espanhol Jon Sobrino, teólogo em El Salvador, acabava de fato com a teologia séria da redenção e santificação cristã. Mas as vicissitudes já não são minhas, agora são da e na Igreja do mundo inteiro. Também dos Papas João Paulo II e Bento XVI e não mais de um pobre Bispo jubilado de 88 anos.

## 5 No Colégio dos Bispos

Em fins de 1968, terminava meu terceiro mandato de Reitor do Instituto Pastoral do CELAM em Medellín. Não podia ser nomeado mais uma vez. Eu pensei: e agora? Tinha então dez anos fora do Brasil e do convento franciscano. E já estava com 63 anos. Inesperadamente recebi da Nunciatura do Brasil a notícia de que o Papa João Paulo II me havia nomeado Bispo auxiliar do Cardeal Avelar Brandão Vilela, Arcebispo de Salvador, Brasil. Nunca tivera relações especiais com

Dom Avelar ou com a Bahia. Foi surpreendente. Se não aceitava, teria que voltar para minha província franciscana da Imaculada Conceição. A teologia da libertação causara também lá dolorosa divisão. Por isso resolvi aceitar a nomeação do Papa, para entrar no Colégio dos Bispos. Não dependeria mais dos franciscanos. Mas faço questão de permanecer na O.F.M.

A partir do momento da ordenação episcopal, se operara em minha vida uma mudança profunda. Refletindo sobre essa novidade de ação e em consonância com a tradição recebida, busquei uma bússola que pudesse orientar meu novo estilo de vida e ação pastoral. O Concílio Vaticano II que a divina providência colocara tão generosamente à nossa disposição, sugeriu-me três palavras: *sub umbris fideliter*, colhidas na Constituição *Lumen gentium* n. 8d. Nesse texto, ao mencionar as dificuldades internas e externas da Igreja, se afirma que ela é fortalecida pela força do Senhor ressuscitado, a fim de vencer pela paciência e pela caridade suas aflições e dificuldades, para poder revelar ao mundo o mistério de Cristo: embora entre sombras, mas com fidelidade, ou em latim: *licet sub umbris fideliter tamen*. Não obstante as limitações, debilidades, fraquezas ou sombras que inevitavelmente acompanham cada vida humana cristã e apostólica, será sempre nosso dever permanecer fiéis aos dons recebidos. Era o sentimento que moveu o Apóstolo Paulo a descrever sua tentação na segunda carta aos coríntios 12, 7-10:

Para que a grandeza das revelações não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me esbofetear, a fim de que eu não me torne orgulhoso. A esse respeito, roguei três vezes ao Senhor que o afastasse de mim. Mas o Senhor disse-me: “Basta-te a minha graça; pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente”. Por isso, de bom grado, me gloriarei das minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim; e me comprazo nas fraquezas, nos insultos, nas dificuldades, nas perseguições e nas angústias por causa de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte.

Era precisamente esse sentimento que me invadiu, na hora de minha inserção na Ordem Episcopal e me fez tomar o mencionado lema. No ritual da ordenação episcopal, há um momento no qual o celebrante se dirige ao ordinando, com esta grave exortação: “Quanto

a ti, escolhido por Deus, lembra-te que foste tirado dentre os homens, e colocado ao serviço deles nas coisas de Deus”, isto é: em suas relações com Deus. Indica-se, assim, ao bispo seu exato lugar no rico e variado conjunto das relações humanas. Este será seu campo específico. Aqui deve estar sua solicitude principal.

Meu dever episcopal de fidelidade ao homem encontrava na Bahia um rosto concreto. Este Estado tem a fama de ter a maior densidade populacional de origem africana. Todos conhecemos a situação e condição social na qual o negro foi arrastado ao Brasil: tinha que ser, literalmente, escravo. Era a miséria mais ignóbil e injusta. Quando foi emancipado, em 1888, não recebeu mais que uma relativa liberdade. O processo de emancipação do negro brasileiro não pode ser considerado acabado enquanto não lhe forem devolvidos os direitos humanos fundamentais e inalienáveis que nele haviam sido conculcados com a escravidão. São os mais pobres dos miseráveis brasileiros.

Como Bispo tive três fases: auxiliar de Salvador, diocesano de Novo Hamburgo e emérito sem função. Sugerí ser ordenado bispo em Rolante, no Rio Grande do Sul, na circunscrição da nova diocese de Novo Hamburgo. Para lá fora minha família ao emigrar da Alemanha em 1924, quando eu tinha quatro anos. Lá estava então morando a maior parte da minha família e dos outros emigrantes de Oldenburg. O Bispo de Novo Hamburgo, Dom Sinésio Bohn, aceitou minha resolução e patrocinou generosamente a ordenação episcopal, no dia 1º de agosto de 1982. O Cardeal Avelar Brandão Vilela foi o celebrante principal. Vieram cerca de 20 bispos, entre eles o Cardeal Vicente Scherer. Foi uma festa solene. No dia 15 de agosto, tomei posse de nova função na Bahia.

Tinha que aprender a ser bispo. Nunca fora vigário. Sempre trabalhara na formação ou atualização dos padres. Fiquei apenas quatro anos em Salvador. O Cardeal Dom Avelar me introduziu nesse novo trabalho como um pai. Quando, em setembro de 1986, o Papa me nomeou bispo diocesano de Novo Hamburgo, Dom Avelar me escreveu linda carta com a data de 1º de setembro (quatro meses depois ia morrer de câncer), na qual dizia:

Seja-me lícito agradecer todas as provas de estima e consideração para com minha pessoa. [...] Desejo manifestar-lhe meus agradecimentos pelos serviços inumeráveis aqui prestados. [...] Aqui

convivemos bem, dentro de um sadio pluralismo buscando sempre a verdade na caridade, tentando construir a unidade na variedade. Sua contribuição foi positiva. [...] Soube conviver com todos sem perder a personalidade.

No dia sete de setembro de 1986, tomei posse da diocese de Novo Hamburgo. No princípio não foi fácil. Os padres tinham medo de mim. A fama de conservador lhes chegara antes. Muitos padres pensavam que viria como inovador. Na realidade, só tinham noção a meu respeito pela fama de ser contra certas posições da teologia da libertação, ou apenas por meus livros e artigos. Poucos conheciam minha pessoa. A maioria que havia estudado comigo no Seminário Central de São Leopoldo, que fica na circunscrição da diocese neo-hamburguesa já falecera ou estavam em outras dioceses. Não sabiam que de fato sempre fui e sou tímido, lento e acurado por natureza, atuando sem alarde e intrometimento, quase silenciosamente, com a preocupação de ser “fiel no pouco” (cf. *Lc* 16,10; 19,17). Torno-me apenas eloquente, quando faço conferências ou dou aulas. O propósito e o desejo de permanecer fiel, no sentido da expressão latina “christifidelis”, com tudo que ela implica e abrange, determina meu comportamento, não obstante as sombras que me acompanham. Na Liturgia das Horas de 19 de março, solenidade de São José, aprendemos esta regra para a comunicação de dons particulares: “Quando a graça divina escolhe alguém para um favor especial ou um estado superior, também dá todos os dons necessários à pessoa eleita e à sua missão”.

No dia 2 de novembro de 1989, ao completar 70 anos, leram e me entregaram um documento, assinado por todos os padres da diocese de Novo Hamburgo, no qual se dizia:

O desejo de unidade entre todos na diocese de Novo Hamburgo consolidou-se, significativamente, durante o período destes três anos em que Dom Boaventura, nosso Bispo, está à frente desta Igreja particular. [...] Queira receber neste dia o abraço da gratidão de todos os Presbíteros, de todos os Religiosos e Religiosas, bem como de todos os fiéis leigos da Diocese.

Mas não quero aqui mencionar o que naqueles anos fiz na diocese.

Com a data de 12 de abril de 1994 escrevi ao Papa comunicando que no dia 2-11-1999 completaria 75 anos; e que, segundo o cânon 410, apresentava minha renúncia ao governo pastoral da diocese de

Novo Hamburgo. Como portador de uma incurável bronquite crônica e asmática, pedia que a renúncia fosse aceita. Minha situação se apresentava tão grave que tive que ir a Porto Alegre e consultar a equipe do Dr. Bruno Palombini. O especialista constatou uma sinusite já à beira da meningite e ordenou minha imediata internação. Fui operado e submetido a um tratamento contra a bronco-pneumonia obstrutiva e aspirativa, recebendo a ordem de não trabalhar durante 60 dias.

E assim acabou meu ministério episcopal de Novo Hamburgo.

\*

Começava a fase de bispo emérito. E iniciou muito mal. Fiquei tão doente que meu peso, que normalmente estava nos 80kg, baixou para 52. Não podia nem mais andar. Celebrava a missa deitado na cama. Assim fiquei um mês no excelente hospital Regina, das Irmãs de Santa Catarina. Então voltei ao bispado. Durante bastante tempo fiquei com 62kg. Doente, comecei a trabalhar no meu computador. E nesses anos de bispo emérito publiquei os seguintes livros:

- \* Trindade. O amor em Deus. Com 180 páginas.
- \* Abba: Deus Padre Eterno. Com 171 páginas.
- \* Kýrios. Aos pés de Jesus. Com 222 páginas.
- \* Parákletos. O Espírito Santo. Com 174 páginas.
- \* Basílica. O Reino de Deus. Com 134 páginas.
- \* Agape. O amor do cristão. Com 135 páginas.
- \* Minha Igreja. Com 230 páginas.
- \* A Fé do cristão católico hoje. Com 231 páginas.
- \* Virtudes. Frutos que o Pai espera. Com 181 páginas.
- \* Libertação Cristã. Seletos ensaios teológicos. Com 487 páginas.
- \* Colheita na Vetustez. Com 415 páginas.
- \* Mistagogias de Bento XVI sobre a Igreja. Com 208 páginas.

Publiquei também vários artigos em revistas especializadas.

E agora estou esperando dar o último suspiro para entrar, com a graça de Deus, na Vida Eterna, a existência humana definitiva, sem reencarnação, sem cansaço, mas com plena felicidade, atividade e alegria, para participar na eterna circulação da Agape entre Pai, Filho e Espírito Santo, como ensina o *Catecismo da Igreja Católica* no n. 221: “Ipse [Deus] aeterne est amoris commercium: Pater, Filius et Spiritus Sanctus, nosque destinavit ut huius simus participes”.